

# A subversão da norma e a produção de sentidos nos deslocamentos enunciativos

(The subversion of normativity and the production of meaning in enunciative displacements)

Stéfano Grizzo Onofre<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

tefo42@hotmail.com

**Abstract:** A grammatical revision treaty about Machado de Assis's literary production conceives the asymmetry between the category of person and subject only as an infraction of syntactic rules. That posture disregards the meanings implicated in the use of those pronouns. By problematizing a normative view, we intend to discuss the viability of creating labels for every shift of personal pronouns as a mistake. The grammatical revision treaty of Machado de Assis's work, developed by the grammarian Lima (1973), disregards the possibility of non-existent meaning problems in occurrences that possess syntactic asymmetry. In general, the grammatical treaties disregard the uttering activity. Such posture illustrates how normativity, in the context of learning and teaching, can devalue student's linguistic constructions paying attention only to the form and the syntactic rules. The work of Lima represents the grammatical purism and, therefore, disregards that an utterance can be acceptable even if it is not in a syntactic pattern. With such a patterning difficulty in the innumerable grammars, we pose the following question: how can one demand from the students the appropriation of their texts if one deprives them of the right to operate with language. We defend, therefore, that there is a difficulty of defining a distinction, before the materialization and analysis of an utterance, if a linguistic occurrence is a subversion that derives from the ignorance of the linguistic code or if it is a creative subversion of the same linguistic code.

**Keywords:** language activity; uttering; theory and linguistic analysis; learning and teaching.

**Resumo:** Um tratado de revisão gramatical sobre a obra de Machado de Assis concebe a não concordância da categoria de pessoa deflagrada pelo verbo em relação a seu respectivo sujeito apenas como uma infração das regras sintáticas. Dessa forma, desconsidera os efeitos de sentidos que tal mudança acarreta. Por meio da problematização dessa visão normativa pretendemos discutir se é produtivo etiquetar como erro toda mudança de pronomes pessoais que infrinja uma norma. O trabalho de revisão da obra de Machado de Assis, desenvolvido pelo gramático Lima (1973), desconsidera a possibilidade de que a assimetria sintática no emprego de pronomes pode, em certas ocasiões, não comprometer o efeito de sentido do texto. Dessa forma o trabalho da gramática desconsidera a enunciação. Tal postura ilustra como a normatividade, no contexto de ensino e aprendizagem, pode desvalorizar a construção linguística dos alunos apenas considerando a forma e as regras sintáticas. O trabalho de Lima representa o purismo gramatical e, portanto, desconsidera que um enunciado pode ser aceitável mesmo que ele não esteja sintaticamente padronizado. Tendo em vista essa dificuldade de padronização, questionamos como é possível exigir dos alunos a apropriação de seus textos se, muitas vezes, é-lhe privado o direito de operar com as marcas linguísticas? Defendemos, portanto, pautados na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), a dificuldade em se demarcar com precisão, antes da manifestação de um enunciado, se uma ocorrência procede de um desconhecimento do código linguístico ou de uma subversão criativa do próprio código.

**Palavras-chave:** linguagem; enunciação; teoria e análise linguística; ensino e aprendizagem.

## **Introdução**

No presente artigo objetivamos discutir como a diferença entre enunciado e frase, proposta por Culioli (1999a), contribui para reorientar o valor que se pode atribuir a ocorrências de deslocamentos enunciativos da categoria de pessoa. Essa reorientação leva-nos a considerar que um conjunto de coordenadas enunciativas pode tornar aceitáveis ocorrências linguísticas que não estão sintaticamente padronizadas. O embate entre frase e enunciado pressupõe diferentes concepções sobre a noção do fazer criativo na linguagem. Pensamos ser importante propor uma articulação de frase e enunciado porque ela abre caminhos para se pensar em ocorrências de deslocamentos enunciativos em produções textuais de vestibular não apenas como um “defeito”. Para situar a discussão, partimos de um exemplo em que uma abordagem de orientação tradicional condena uma passagem do texto de Machado de Assis (apud LIMA, 1973). Pensamos que esse diálogo é importante porque o modo de considerar uma ocorrência de deslocamento enunciativo presente no texto de Machado de Assis mobiliza uma noção de criatividade que desconsidera a possibilidade de haver valor em uma representação linguística que infringe parâmetros sintáticos.

## **A criatividade na linguagem do ponto de vista da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE)**

O termo criatividade abre um leque de concepções teóricas que podem ultrapassar o domínio da linguística. A noção de criatividade não se restringe apenas ao domínio da língua. Inúmeras manifestações humanas podem ter alguma relação com a noção de criatividade. Restringimos nossa discussão apenas ao domínio linguístico. No entanto, pretendemos abordar noções da ordem da linguagem articuladas às noções de ordem da língua. A criatividade é considerada, portanto, resultado de um modo de se conceber a atividade de produção e reconhecimento de textos. Na tradição de estudos culioliana, toda forma linguística remete a um conjunto de operações que podem ser recuperadas a partir de um conjunto de coordenadas enunciativas que envolvem uma relação entre uma léxis<sup>1</sup> e um Sit (traço de orientação situacional). A recuperação dessas operações demonstra o infinito potencial de organização dos textos orais e escritos. Conceber os textos orais e escritos como traços dessas operações é equivalente a conceber a linguagem como um trabalho de produção de significado. Nesse contexto, a criatividade é constitutiva da atividade de linguagem.

Para matizar como a teoria culioliana concebe a criatividade apoiamos-nos em Rezende (2010), para quem a criatividade não é considerada apenas o ápice de um processo. Na reflexão de Rezende (2010), a criatividade é também a capacidade de se orientar em relação às representações linguísticas construídas seja compreendendo, seja reformulando os materiais disponíveis à representação. Muitas vezes exclui-se da noção de criatividade o olhar para mecanismos que são responsáveis por gerar<sup>2</sup> uma dada representação linguística. A concepção de criatividade presente em Rezende aproxima-se também das considerações de Franchi (2006), para quem a linguagem é uma atividade estruturante. O olhar para os

1 Para Culioli (1999a), a léxis é similar a um conteúdo proposicional e garante a união sintática e semântica do predicado presente em um dado fragmento de texto. A léxis garante a plasticidade do enunciado e, ao mesmo tempo, sua identidade.

2 Não no sentido gerativista, mas no sentido das operações de representação, referenciação e regulação envolvidas na teoria de Culioli (1999a).

processos constitutivos da linguagem coloca em cheque a desarticulação entre sintaxe e semântica e, conseqüentemente, entre erro e criatividade.

A partir da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas almejamos olhar para as ocorrências linguísticas buscando revelar como elas se estruturam. Desse modo, pretendemos mostrar que existe uma simultaneidade de cenários enunciativos deflagrados pelos agenciamentos de marcas linguísticas. A simultaneidade de cenários enunciativos pode tanto comprometer o texto quanto valorizá-lo.

### **A diferença entre enunciado e frase**

O seguinte predicado em francês ilustra uma insuficiência da gramática segundo os parâmetros da Teoria das Operações Predicativas e enunciativas: (1) *Un chien aboie*.<sup>3</sup> Essa espécie de predicado é o ponto de partida da reflexão gramatical. Ela sustenta como centro de sua concepção teórica frases genéricas assim como (2) *O homem é mortal* ou (1) *Un chien aboie*, e, dessa maneira, prioriza a modalidade assertiva. Em (1) e (2), é possível, por meio de uma comparação grosseira entre predicados genéricos, o ensino de algumas propriedades gramaticais clássicas; como organização dos constituintes da frase em sujeito e predicado, transitividade etc. Em línguas ocidentais essa concepção gramatical pode induzir ao equívoco, pois parece apagar distâncias significativas entre as propriedades psico-físico-culturais e entre as representações de mundo sustentadas culturalmente.

Segundo Milner (1992), para Culioli (1999b) um enunciado como (1) *Un chien aboie* é mal formado. Isso significa que é muito maior a probabilidade de aparecer situado enunciativamente na fala do dia a dia como (3) *il y a du chien qui aboie*,<sup>4</sup> ou (4) *C'est un chien qui aboie*.<sup>5</sup> A marca *il y a* é o traço de orientação situacional (Sit) que aponta a existência de um enunciador sustentando sua enunciação. Esses enunciados são quase paráfrases e possuem diferenças significativas, pois é bem diferente dizer (3) *Tem um cachorro que late* e (4) *Esse é um cachorro que late muito* ou (5) *Olha, lá está um cachorro que late*.

Ao se levar em consideração que um enunciado é significativo somente quando aponta para um cenário enunciativo, defendemos que o ponto de partida para se conceber o ensino e aprendizagem de produção/interpretação de textos é demonstrar como o léxico e a gramática do português só têm propósito quando estão submetidos a marcas espaciais, temporais e pessoais. Nesse tipo de reflexão a gramática não está restrita aos parâmetros do analista, mas sim aos parâmetros de boa formação de enunciados orientados pelo sujeito enunciador. Esses parâmetros são construídos no próprio texto em uma relação dialógica entre analista e as operações enunciativas deflagradas pelas marcas linguísticas.

### **Breve descrição da revisão de Machado de Assis**

Antes de analisar o exemplo do estudo gramatical de Lima (1973), pensamos ser pertinente contextualizar a obra com uma breve resenha das intenções do autor em relação à obra de Machado de Assis.

3 No original: Um cachorro late.

4 No original: Tem um cachorro que late.

5 No original: Esse é um cachorro que late.

A revisão de Machado Assis (apud LIMA, 1973) agrupa inúmeras passagens da obra do autor e as submete a críticas. São expostos problemas sintáticos, problemas de regência verbal, problemas de assimetria no uso dos pronomes pessoais, etc. O gramático Lima (1973), após apontar a suposta infração, cita inúmeros exemplos de autores consagrados da literatura portuguesa e brasileira para demonstrar como o texto de Machado de Assis subverte o uso “cultivado” da língua. O início do livro deixa claro o objetivo da revisão de Machado de Assis: desconstruir a imagem de que o romancista, conforme Rui Barbosa (apud LIMA, 1973), foi modelo de pureza e correção no que diz respeito ao uso da língua. Lima (1973) cita também o crítico literário Veríssimo, que diz:

Outra distinção, que por assim dizer salta aos olhos, da sua obra poética, desde seus primeiros versos, é o da sua língua e metrificacão. Exceptuando sempre Gonçalves Dias, a sua língua é incomparavelmente mais pura, mais rica, mais copiosa, e a sua versificacão mais correcta, mais difficil, mais elegante de que a qualquer daquelles poetas. (VÉRISIMO, 1904, p. 91 apud LIMA, 1973, p. 24)

Após a exposiçãõ de outros escritores, alguns criticando a escrita de Machado de Assis, outros elogiando, Lima (1973) pretende demonstrar que, embora Machado de Assis tenha tido seus méritos literários, ele não foi “[...] letrado de sintaxe indiscutível [...]” (p. 30).

O trabalho de Lima (1973) representa o polo extremo da concepção tradicional da gramática. O trabalho veicula noções de linguagem já rechaçadas pela linguística contemporânea, como, por exemplo, a noção de que a infringência do padrão de uso das formas linguísticas aproxima o literato, que em tese deveria ser um homem cultivado, do homem tosco, ignorante, etc.

O prólogo do texto de Lima (1973) tenta dar um caráter objetivo às correções do texto de Machado de Assis:

Serei justo, fazendo exame imparcial de construções menos puras, nas quais o autor de Dom Casmurro não soube ou não quis polir as frases. Manifesto é que não irei analisar oração por oração, para mostrar erros que lhe maculem a glória. (LIMA, 1973, p. 19)

A passagem possui uma contradição: como é possível existir imparcialidade se o autor qualifica de antemão as construções como “menos puras”? E, ainda, há imparcialidade quando Lima (1973) conjectura a possibilidade de que o autor desconheça o polimento das frases? A imparcialidade de Lima (1973) perde força na passagem em que afirma que não irá analisar oração por oração para não macular a glória do autor. De certa forma, é possível recuperar a ideia de que a glória de Machado de Assis em algum momento dependeu da força da análise do gramático.

O prólogo da revisão Lima (1973) expõe também a preocupação de que suas observações sobre os problemas do texto de Machado de Assis poderiam ser entendidas como vaidade ou pedanteria. O texto de Lima (1973) deixa traços dessa preocupação no momento em que o gramático afirma não ter animosidade contra Machado de Assis:

Animosidade contra Machado de Assis nunca a tive. Também não sou mordido de inveja, picado de vaidade, ou mal ferido da ambição que põe no escândalo a base da popularidade. Não sou literato, não sou acadêmico, não frequento grêmio literário. Sou apenas estudioso anônimo, simples leitor que busca conhecer os mestres da língua pátria. (LIMA, 1973 p. 19)

Uma análise atenta do texto de Lima (1973) revela a imagem de um sujeito enunciad<sup>6</sup> (que é diferente do locutor) dialogando com um possível leitor do tratado da revisão. Isso implica dizer que a argumentação do prefácio de Lima (1973) ao construir a negação de algumas características sobre o próprio sujeito enunciad<sup>6</sup> constrói a afirmação delas também. Por exemplo, quando (LIMA, 1973) afirma “não sou mordido de inveja, picado de vaidade”, é possível recuperar o enunciado complementar “sou mordido de inveja, picado de vaidade”. Quando se nega algo, o acesso à afirmação não está bloqueado, ele se mantém como uma possibilidade. E, embora o enunciad<sup>6</sup> se esforce para se afastar da penderia e da vaidade, ela é realçada na conclusão de seu prólogo:

Este livro encerra assunto erudito. Eruditos devem ser também os termos, se não todos, pelo menos alguns.

Entre dois modos de compor a frase, preferi o mais culto, dizendo frutos de vez, no lugar de frutos sazonados.

Ao escolher o vocábulo menos vulgar, e a redação próxima da clássica não o fiz por penderia, senão para me ombrear com a cultura do leitor. Não é pedante o que usa as galas da boa linguagem, mas o que põe na escrita atavios de ouropel. (LIMA, 1973, p. 21)

Para Lima (1973), ser pedante é colocar enfeites fajutos na “boa linguagem”. Fica claro que Lima, de modo sutil, qualifica o autor Machado de Assis como pedante porque finge saber escrever quando na realidade não o sabe. Dessa forma, ao julgar Machado de Assis, a modéstia de Lima fica comprometida.

Não pretendemos negar ou afirmar os méritos de Machado de Assis como escritor porque essa discussão diz respeito à crítica literária. Nossa intenção é trabalhar com o material linguístico e mostrar que o linguista não deve apenas qualificar o texto como criativo ou não criativo, mas sim forjar explicações racionais para os fenômenos em observação. O intuito, portanto, é, por meio do conceito de paráfrase de Culioli (1999a), mostrar como as correções que Lima sugere para o texto de Machado de Assis desconsideram que a mudança de um constituinte linguístico em favor da adequação sintática transforma o sentido presente na ocorrência do texto do escritor literário.

Antes de transcrever a análise de Lima, colocamos uma discussão do modo como a significação é vista na Teoria das Operações Predicativas e enunciativas.

## Noção

O modelo enunciativo de Culioli (1999b) está ancorado em uma teorização da atividade de produção de significação ofertada pela linguagem. Para compreender qual a proposta do autor é necessário recuperar a ideia de que a linguística tem por objetivo apreender a linguagem por meio das línguas naturais. Para dar conta desse objetivo há que se reconhecer a complexidade presente no diálogo. A teoria leva em consideração que a

---

6 Referimo-nos a Lima (1973) como sujeito enunciad<sup>6</sup> no intuito de demarcar a diferença entre o sujeito Lima de carne e osso e o sujeito enunciad<sup>6</sup> que recuperamos em seu texto. A análise das marcas linguísticas do prólogo constrói um sujeito enunciad<sup>6</sup> que, ao desqualificar o enunciatário, acaba qualificando a própria imagem do enunciad<sup>6</sup>. O texto, ao tentar construir uma imagem de modéstia, acaba paradoxalmente negando a modéstia. Isso significa que, apenas pelo texto, não se pode julgar que a pessoa de carne e osso Lima não seja modesta. Além disso, deve-se respeitar o contexto em que essa análise foi produzida, pois ela ilustra um modo muito corrente de se conceber a linguagem escrita no ensino.

relação entre dois sujeitos está sempre em construção. Na verdade, existe uma distância permanente entre os sujeitos. Nesse contexto, a língua encontra-se em uma relação complexa de interioridade e exterioridade. A linguística orientada a partir da tradição saussuriana, em vez de abarcar o jogo complexo instaurado pela linguagem, calibrou-o em benefício da construção de um objeto estático. Podemos encontrar essa calibração no clássico esquema de comunicação saussuriano em que o diálogo é concebido como a troca mecânica de informações que vai linearmente do locutor ao interlocutor.

Para abarcar a complexidade do diálogo, Culioli (1999b) expõe que a produção de um enunciado gera retroação e, quando o som atinge o outro locutor, não há recepção e sim uma nova construção. Ignorar essa condição complexa do diálogo significa dar atenção ao código linguístico neutro e independente da atividade de linguagem dos locutores. O código linguístico, embora possuindo uma relativa estabilidade, está organizado de modo diferente para cada locutor. Essa condição é bem singularizada por Culioli (1999b) quando ele a resume por meio do seguinte aforismo: a compreensão é um caso particular de mal-entendido. Essa ideia revela que a compreensão é uma conquista e, ao mesmo tempo, a incompreensão também é sempre uma possibilidade.

No âmago dessa relação de troca entre sujeitos, Culioli (1999b) identifica a atividade epilinguística. A atividade epilinguística é uma atividade metalinguística pré-consciente, presente em todo sujeito. Essa atividade é responsável pela capacidade do sujeito dialogar consigo mesmo e com o outro. A atividade epilinguística é regida pelas operações de representação, referenciação e regulação. O sujeito tem acesso a noções psico-físico-culturais, que são apreendidas pelo material linguístico e em seguida reguladas pelo diálogo do sujeito consigo mesmo e pelo diálogo do sujeito com outro sujeito.

Uma noção não está disposta de modo especular em relação ao léxico. A noção coloca virtualmente um conjunto de traços abertos que são acessados pela sua presença em um enunciado. Para Culioli (1999b) uma noção apenas pode ser apreendida em qualidade sendo sua quantificação responsável por sua materialização em um enunciado. A hipótese central da teoria reside na aposta de que o enunciado é resultado de um conjunto de operações associadas à atividade metalinguística pré-consciente dos sujeitos enunciadoreis.

A língua comporta, então, a determinação e a indeterminação. Na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas a determinação advém da manifestação de noções<sup>7</sup> em uma materialidade linguística e a indeterminação, da necessidade de fragmentação dessa noção em forma de predicados. Essa operação é a quantificação de uma qualidade, ou seja, os textos orais e escritos são traços de operações de linguagem corporificadas em um sistema de referência linguístico. Assim, na palavra vaca são arrolados, virtualmente, todos os tipos de ocorrências possíveis da noção ser vaca (A r ( ) ). Apenas a fragmentação (quantificação) dessa noção pelo empírico possibilita a existência de uma noção qualitativa do que é vaca. Por exemplo, as ocorrências *A vaca pasta no campo*, *A vaca dá leite*, *A vaca é um animal sem penas*, *A vaca é um mamífero* demonstram que a noção vaca inclui tudo o que pode ser predicado como vaca. Ao derivar os possíveis predicados de vaca encontramos

---

7 Uma massa de fenômenos que Culioli (1999b) diz ser um conjunto de associações semânticas estabilizados pela experiência. Essas cadeias são elaboradas de diversas maneiras, por exemplo, pela atividade onírica ou emblemática, por imagens, etc. A noção propõe a articulação entre o linguístico e o não linguístico. A noção é uma representação sem materialidade, ou uma representação em que a materialidade não é acessível ao linguista.

apenas algumas ocorrências típicas da noção vaca. Se o trabalho com a linguagem tomar como válido apenas as ocorrências típicas de uma noção, perdemos a alteridade, o impossível, as ocorrências diferenciais que reorganizam uma representação, que, na verdade, por uma relação de alteridade, garantem a própria identidade de uma noção. Ocorrências que soam estranhas como, por exemplo, *A vaca é uma mulher*, são imprescindíveis para a reorganização de uma noção. Elas trazem a ideia de que é apenas o que não é vaca que pode garantir tudo o que está na noção ser vaca. Além disso, essas ocorrências podem ser validadas em contextos precisos de uso, como, por exemplo, *Aquela mulher é uma vaca*. Esse predicado ainda estaria relacionado a ocorrências típicas da propriedade típica do animal vaca? Saberíamos ainda identificar a origem histórica do uso da palavra vaca em relação à mulher? Talvez até possamos reencontrar essa origem histórica, mas o interessante da linguagem é que, mesmo desconhecendo a origem, o termo pode comportar os valores particulares do emprego dessa noção. Isso atesta para a inexistência de uma relação simétrica entre propriedades psico-físico-culturais e uma noção. Portanto, colocar como determinada uma relação entre tais propriedades e uma marca linguística é apenas um ponto provisório, um ponto de chegada, o qual, de modo extremamente fugaz, advém de todo um trabalho linguageiro praticamente excluído das reflexões linguísticas tradicionais.

### **Descrição de operações fundamentais para sustentar a análise**

Para construir nosso referencial de análise necessitamos de expor as operações fundamentais que o quadro da TOPE oferece. Essas operações são generalizações criadas por Culioli (1999a, 1999b), elas se situam no quadro metalinguístico da teoria. Além disso, as relações primitiva, predicativa e enunciativa são o resultado formal<sup>8</sup> de um olhar para as formas linguísticas. O nível metalinguístico oferecido por Culioli (1999a, 1999b) não está em uma relação termo a termo com os constituintes linguísticos. Todas as formalizações do estudioso oferecem uma síntese de problemas sintáticos e semânticos, sem a preocupação de estabelecer cortes entre as duas dimensões. Ao proceder dessa maneira apreendemos as ocorrências por meio da simulação parafrástica dos enunciados. Mas essas simulações situam-se em um espaço híbrido entre nossa atividade epilinguística pré-consciente e uma atividade epilinguística orientada pela TOPE e, portanto, metalinguística.

Essas operações de linguagem fazem-se visíveis com o auxílio de um sistema de representação metalinguístico que dá suporte para o analista manipular o texto. Munido da sua subjetividade, o analista faz aflorar as operações postas em jogo pela enunciação. Os meta-operadores, forjados pelo sistema de representação metalinguístico culioliano, servem de suporte para que o analista realize um cálculo dos elementos postos em causa pelos marcadores linguísticos. Dessa forma, o conceito de léxis é um representante direto de relações primitivas derivadas diretamente da noção. A noção coloca em jogo um pacote de relações psico-físico-culturais que estão disponíveis à experiência do enunciador. O trabalho do analista resume-se, portanto, na explicitação da atividade linguagística e na busca de invariantes subjacentes às variáveis superficiais dos marcadores linguísticos. A léxis é similar a um conteúdo proposicional e garante a união sintática e semântica do predicado presente em um dado fragmento de texto. A léxis garante a plasticidade do enunciado e, ao mesmo tempo, sua identidade. O analista deve manipular um enunciado

---

<sup>8</sup> No sentido de uma representação metalinguística construída conscientemente pelo linguista

para extrair as operações postas em jogo. A fórmula de Culioli (1999a, 1999b)  $\lambda \in \langle \text{Sit}_2 (S_2, T_2) \in \text{Sit}_1 (S_1, T_1) \in \text{Sit}_0 (S_0, T_0) \rangle$  ilustra bem a relação entre um Sit e uma léxis. A léxis se desdobra em dois argumentos, por exemplo X e Y, unidos por um relator  $\pi^9$ ; por exemplo, o enunciado *Plácido escreveu a carta* pode ser representado por três termos que a teoria nomeia de léxis: a notação  $\lambda$  equivale a  $\langle \text{Plácido}, \text{escrever}, \text{carta} \rangle$ . Uma léxis pode sofrer alterações mediante sua localização em relação traço de orientação situacional, ou seja, um Sit. Nada impede que o Sit seja outra léxis. A léxis é um termo que permite visualizar o enunciado como sendo parte de famílias parafrásticas. Um exemplo seria:

Plácido escreveu uma carta  
Plácido está escrevendo a carta  
Plácido gostaria de escrever uma carta  
Plácido! Escreveu uma carta? Jamais!  
Foi Plácido que escreveu a carta  
Talvez tenha sido Plácido que escreveu esta carta.  
A carta de Plácido foi escrita em duas semanas.

A léxis garante a unidade de todas as proliferações acima.

O Sit sempre dá suporte para qualquer léxis, no entanto, ele pode ser mais ou menos explicitado pelos marcadores linguísticos que veiculam a noção de pessoa. As marcas morfológicas presentes no verbo *escrever* orientam o enunciado em relação ao tempo-espaco e ao enunciador. Todo enunciado está orientado (operação de orientação é notada por  $\in$ ) em relação a um parâmetro abstrato notado de Sit<sub>0</sub> (S<sub>0</sub>, T<sub>0</sub>). Esse parâmetro indica a pessoa e o tempo-espaco origem da enunciação.

As dissertações argumentativas são prenes de estratégias discursivas que visam a dar suporte para o Sit<sub>0</sub> ao mesmo tempo em que escondem a categoria de pessoa. Esse fenômeno é conhecido como objetividade.

Uma relação primitiva está no mesmo nível de uma léxis, porém é possível perceber que entre  $\langle \text{Plácido}, \text{escrever}, \text{carta} \rangle$  existe potencial de organização. O potencial de organização é uma relação primitiva, pois permite a visualização de noções como agentividade, quantificação e qualificação. Note-se o estranhamento causado por uma inversão na lexis  $\langle \text{carta}, \text{escrever}, \text{Plácido} \rangle$ . O sentido em *A carta escreveu Plácido* tem menos orientação do que a ordem contrária. Para validar a léxis  $\langle \text{carta}, \text{escrever}, \text{Plácido} \rangle$  há que considerar cenários enunciativos em que carta possa ter agentividade. Por exemplo, *Leio a carta de Plácido e vejo ele escrito em suas páginas, quase como se a carta escrevesse Plácido*. Note-se como o *escrevesse* e o *quase* remetem ao Sit<sub>0</sub>. Essa remissão passa a imagem de um enunciador imaginando um cenário em que carta troca de papel com o escritor.

A relação primitiva permite a visualização de propriedades fundamentais que atuam em um enunciado. Para Culioli (1999b), uma relação primitiva configura-se como uma hipótese do funcionamento complexo de uma relação abstrata e geral entre um termo e outro termo. O olhar para um constituinte linguístico apresenta um conjunto de combinações possíveis que se situam entre propriedades extralinguísticas e propriedades culturais. Para um dado enunciado, Culioli postula que há uma relação entre os termos e que os mesmos

9 O relator não precisa ser um verbo.

possuem uma orientação relativamente estável. A estabilidade, no entanto, não pode ser considerada algo absoluto, pois ela varia de cultura para cultura. Em uma relação primitiva encontramos um esquema de organização de uma léxis. A relação primitiva deflagra uma dada orientação dos termos, pois podemos identificar um termo de partida, a origem e o objetivo da relação.

A predicação é o arranjo de uma léxis e, conseqüentemente, de uma relação primitiva sob a forma de uma relação predicativa. Nessa operação verifica-se que dois termos serão postos em relação. Um termo será eleito como ponto de partida em relação ao outro. Por exemplo, Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral, A descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral. Nos três exemplos, verifica-se um termo de origem sendo localizado em relação ao resto do enunciado construído. Logo

Toda localização se resume em “identificar” e, então, extrair um objeto ou uma situação entre outras, e desse modo, construir a referência a um certo tipo em domínio determinado. Trata-se de estabelecer na relação de diferenciação baseada na alteridade: aquilo que é, será preciso sempre considerá-lo em relação ao que é outro. (REZENDE, 2000, p. 102)

A enunciação estabelece-se sobre a predicação. Esse conceito depende de um conjunto de parâmetros que definem a relação do sujeito do enunciado (S) e do sujeito enunciador (E) e, por outro lado, do momento ao qual se refere o enunciado (T) e do momento da enunciação (E). Em um dado enunciado essas referências serão validadas conforme o ponto de vista daquele que enuncia em relação ao que o mesmo supõe ser a posição de seu interlocutor. Nessa operação, ganham grande importância as modalidades, pois estas asseguram os jogos de deslocamentos enunciativos.

Há quatro tipos de modalidade na acepção de Culioli (1999a) cuja descrição será exposta conforme o texto de Rezende (2000). As chamadas *modalidades 1* são de asserção, de interrogação e de ênfase. Rezende (2000) postula que as *modalidades 1* são essenciais para o a tematização (ou localização) que se apresenta no nível predicativo. Nas *modalidades 2* verificam-se os efeitos do necessário, do possível, do eventual e as da certeza. A união desses dois níveis de modalidades resulta em enunciações que finalizarão “[...] sobre julgamentos universais (é necessário que...) ou sobre julgamentos estritamente localizados (é possível ou é provável que em certas circunstâncias...)” (REZENDE, 2000, p. 105). As *modalidades 3* são responsáveis pelos efeitos de apreciação e de afetividade que se encontram centradas no sujeito enunciador. Os componentes dessa modalidade são responsáveis por construir os efeitos de afastamento e aproximação nos jogos enunciativos.

O aspecto é o conceito responsável por revelar, em um dado enunciado, as operações de tempo e espaço. Tais operações são responsáveis por situar o enunciador em relação ao seu próprio discurso, em relação ao discurso do outro e em relação à percepção do tempo que se ancora no espaço. A união dessas características funda os jogos temporais e espaciais operados pelos sujeitos na atividade de linguagem.

## A análise de Lima e a infração sintática do texto de Machado de Assis

Lima coloca em análise a seguinte passagem:

Plácido foi á secretária, escreveu o verso, e deu-lhe o papel, mas já então Santos advertira que mostral-o á mulher era confessar a consulta spirita, e naturalmente o perjúrio. Referiu ao amigo os escrúpulos de Natividade e pediu que **calassem** tudo. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 112 apud LIMA, 1973, p. 61)

Em seguida identifica a insuficiência gramatical do período:

O engano está na parte final do período: Santos “REFERIU O AMIGO (Plácido) OS ESCRUPULOS DE NATIVIDADE E (Santos) PEDIU QUE CALASSEM TUDO.” Santos pediu a quem? A Plácido, evidentemente. O sujeito está no singular, e o verbo (calassem) no plural! Discrepância flagrante, irrefutável, estranha até em colegial. (LIMA, 1973, p. 61-62)

Pela ótica tradicional nada mais correto do que colocar em concordância o sujeito e o predicado. A regularidade das regras gramaticais e a rigidez que ela possui torna esse tipo de olhar para os constituintes linguísticos incontestáveis. Não se questiona a lógica. Cada coisa em seu lugar, a língua deve ser o espelho da realidade. E assim, com essa concepção, tudo o que não presta encontra-se fora da discussão. Apenas em raras situações a não padronização gramatical é considerada, e, quando é, ela figura como uma permissão. Mas permissão de quem? Do gramático? Do professor? Nesse universo a língua figura também como uma entidade controlável e neutra. As contradições que a linguagem possui são postas em suspenso. O texto é observado a partir de um núcleo neutro em que a sintaxe invalida qualquer construção que infrinja seus parâmetros rígidos. Porém como explicar que a ocorrência em questão é compreensível? Quando produzimos e reconhecemos textos há uma atividade sustentando essa produção e ela não é simétrica, porém é recuperável pela atividade epilinguística.

O olhar da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas permite-nos simular o processo de compreensão do texto e de postular quais operações enunciativas sustentam a ocorrência em questão. Dessa forma, não consideramos apenas o nível sintático como parâmetro de boa formação do enunciado. Na análise de Lima (1973), os pressupostos clássicos da gramática aparecem em conjunto com a própria atividade de compreensão do período. Lima, ao identificar o suposto problema no período de Machado de Assis, passa, sem se dar conta, por uma reformulação das marcas linguísticas. Essa reformulação é explicitada em parte porque o gramático não opera com ela nem busca gerar coordenadas das possibilidades semânticas e gramaticais que o texto deflagra. Dessa forma, a análise de Lima desconsidera que a mudança do relator **calassem** para o **calasse** implica tanto a mudança da marcação da categoria de pessoa quanto a reorientação do cenário enunciativo em questão.

Usando referencial teórico criado por Culioli tentaremos mostrar que existe uma diferença significativa no sentido do enunciado do texto de Machado de Assis, que embora seja pequena, acreditamos ser extremamente importante, pois revela o âmago do trabalho literário, qual seja, o de trabalhar com singularidade das palavras para atingir a expressão estética. Essa propriedade central da linguagem revela-se também promissora para o contexto de ensino e aprendizagem de língua materna, pois incita um olhar para o texto como um espaço de apropriação e construção de significados.

A adaptação do texto conforme as orientações de Lima gera uma mudança no cenário enunciativo forjado por Machado de Assis:

**(Santos)** Referiu ao amigo os escrúpulos de Natividade e pediu **(ao amigo, Plácido)** que **calasse** tudo. (MACHADO DE ASSIS, 1962, p. 112 apud LIMA, 1973, p. 61)

Assim, podemos manipular o enunciado com algumas paráfrases. Destacamos o seguinte enunciado:

(5) Santos pediu a Plácido que **calasse** tudo.

No enunciado (5) podemos ressaltar que o relator **calar** localiza Plácido como o responsável pelo calar. Assim Santos encontra-se excluído dessa relação, pois o calar depende apenas da ação de Plácido e não de Santos.

Colocando o enunciado em discurso direto podemos, ainda, recuperar o apelo de Santos a Plácido:

(6) Santos disse: Plácido, **(eu e você) cale** tudo.

O interessante da abordagem enunciativa é que a marcação do subjuntivo deflagra dois cenários enunciativos possíveis e não apenas uma orientação de tempo verbal:

(7) Sit0 (eu-aqui- agora digo que) Santos pediu ao amigo que> (8) **ele e o amigo calassem tudo**>(9) **pois o amigo não estava calado, naquele momento**> (10) **porque havia a possibilidade do amigo não calar tudo, Santos pediu ao amigo que ambos calassem tudo** (11) **o que foi dito naquele momento.**

No caso a desinência do tempo verbal no subjuntivo incide sobre a reorientação da situação enunciativa e da relação predicativa (Plácido, calar, tudo). Assim os enunciados (5) e (6) (7), (8), (9) (10) e (11) são meta-enunciados localizáveis a partir da manipulação parafrástica do enunciado de Machado de Assis. O texto em negrito em (8) e (9), (10) e (11) são meta-enunciados que estão envolvidos no domínio nocional da noção calar. Assim o subjuntivo constitui-se por uma relação complementar p/p'. A notação p/p' é o mesmo que criar um espaço validável da noção calar/não calar. O imperfeito do subjuntivo deflagra uma noção modal e aspectual; por meio delas recuperamos que o enunciador constrói uma projeção da atitude de Plácido no tempo-espaço do enunciado em relação ao tempo-espaço de Santos. A projeção deixa marcas de um diálogo e de um apelo ao co-enunciador, pois o não calar era uma possibilidade para Santos, por isso ele pediu a Plácido para que o não calar fosse invalidado tanto no horizonte do enunciador quanto no horizonte do co-enunciador. Da aparente simplicidade do enunciado encontramos uma cascata de enunciadores (narrador e personagens) que atestam para a complexidade da situação enunciativa do texto de Machado de Assis. Assim, as elipses deixadas por Machado de Assis podem ser preenchidas pela atividade de compreensão dos leitores. O mais interessante, ainda, é que Lima utiliza esse recurso de paráfrase para poder identificar a suposta construção correta do texto de Machado de Assis. Lima, ao mudar a marcação do *calassem* para o *calasse*, transforma cenário enunciativo do texto de Machado de Assis e descaracteriza a proposta do texto em prol de uma norma sintática.

Tendo em vista os questionamentos levantados para com a postura tradicional, inserimos uma redação de vestibular da Vunesp de nosso *corpus* de mestrado para demonstrar que essas ocorrências estão presentes nos textos dos alunos também. Porque essas ocorrências aparecem em redações acreditamos ser pertinente uma nova contextualização das noções de erro e criatividade quando consideramos ocorrências de deslocamentos enunciativos.

**O homem** é animal inteligente que já passou por outras dificuldades, portanto, ele vai passar por essa crise momentânea e não vai destruir em que **vivemos**. (redação da Vunesp)

Na passagem acima encontramos o mesmo problema sintático identificado por Lima (1975) no texto de Machado de Assis. A comparação de ambos os textos poderia induzir-nos a sustentar que o texto do escritor literário e o texto do aluno se diferenciam pela presença de um projeto artístico no primeiro e sua ausência no segundo. Embora reconheçamos a plausibilidade da distinção entre o artístico e o não artístico, essa maneira de ver as ocorrências pode instaurar outro tipo de categorização que, em vez de se pautar em uma análise linguística ancorada em pressupostos teóricos, pode conduzir a discussão para um terreno não linguístico. Terreno em que surge uma disparidade, pois a figura histórica de Machado tem um peso maior que a do aluno que produziu a redação de vestibular. Nesse universo, as etiquetas estão colocadas de antemão. Isso pode desfigurar o foco do ensino de produção e interpretação de textos conforme as orientações de uma linguística preocupada com os processos de construção de significação. Na orientação enunciativa de Culioli (1999a), que leva em conta o processo, há um interesse flagrante não pelos resultados, mas sim pelos caminhos que as marcas léxico-gramaticais oferecem para o trabalho linguístico-cognitivo dos alunos.

O foco em operações de linguagem incita-nos a olhar para a ocorrência em questão não apenas como uma imprecisão, mas como uma ocorrência que oferece diferentes potenciais de organização.

Se tomarmos enunciado readaptado do texto do aluno:

(12) **O homem** não vai destruir o planeta em que **vivemos**.

Podemos identificar que existem caminhos que são abertos pela concorrência de planos enunciativos deflagrados pela não concordância do sujeito com o predicado.

(12a) **O homem** não vai destruir o planeta em que **vive**.

A ocorrência parafraseada em (12a) não coloca em jogo o mesmo cenário enunciativo que em (12). Em (12), mesmo não havendo um padrão sintático, percebe-se que o sujeito enunciativo não quer incluir o **nós (eu+eles)** nas ações do homem:

(13) O homem vive no planeta> nos vivemos no planeta> mas existem alguns homens> diferentes de nós> que querem destruir planeta em que vivemos> dessa forma o planeta em que vivemos não é o mesmo planeta que alguns homens vivem> Aqueles homens> que vivem em um planeta diferente> não vão destruir o planeta em que nós vivemos.

O exemplo (13) força a compreensão do enunciado (12), porém a concorrência de planos enunciativos nos leva a postular que (12a) e (13) são dois caminhos possíveis que podem auxiliar no refinamento da produção de sentidos no contexto de ensino e aprendizagem de

língua materna. Se se seguisse a elaboração do texto (13) poder-se-ia mostrar que o valor de planeta para o sujeito enunciativo não é similar ao valor de planeta para o homem, porém o homem deve ser quantificado e qualificado<sup>10</sup> de modo restrito como, por exemplo:

- (14) **há alguns homens** ou **Aqueles homens**> que vivem em **um mundo** diferente do nosso> pois só querem destruir o planeta em que nós vivemos.

Quando mantemos a marca **o homem** em (12), a visibilidade da manipulação parafrástica do texto (13) torna-se menos visível, mas a concorrência de planos enunciativos e a especificação de **homens versus nós** traz o embrião de um enunciado bem formado enunciativamente.

## Conclusão

Partimos de orientações teóricas que prezam pela articulação entre enunciado e frase e, conseqüentemente, entre língua e linguagem. Inserimos também um olhar para a noção de criatividade a partir do referencial da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. A partir dessa reflexão mostramos que o olhar para duas ocorrências de deslocamento enunciativo da categoria de pessoa possuem elementos em comum que não devem ser considerados apenas um “defeito” ou um “equivoco”, pois, na verdade, essas ocorrências precisam ser explicitadas para a mobilização de um olhar complexo para os constituintes linguísticos. É tão importante saber quais caminhos tomamos para construir representações linguísticas boas como é importante saber quais caminhos evitar. A exclusão da dimensão do erro invalida o trabalho com a linguagem e, ainda, pode cercear a capacidade dos seres humanos de construir novas representações linguísticas. Compreendemos que Lima (1973) sustenta seus argumentos a partir de uma base histórica, assim o valor sintático orienta-se a partir de uma tradição. Mas seria realmente válido julgar os méritos linguísticos de Machado de Assis, majoritariamente, a partir uma tradição? Pensamos que Lima (1973), ao polarizar o problema, desmerece a capacidade linguística do autor literário. Seguindo esse olhar radical que se mostra tão incisivo para com escritores consagrados, imaginamos o quão nocivo pode ser esse tipo de concepção quando caso seja transposta para o contexto de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. In: FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; MÜLLER, A. L. *Mas o que é mesmo gramática?* Organização de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 11-33.

<sup>10</sup> Reenviamos o leitor para os conceitos de quantifiabilização presentes nos mecanismos de discreto, denso e compacto da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

LIMA, C. *Revisão de Machado de Assis: exames de erros e ardis literários*. Rio de Janeiro: Americana, 1973.

MILNER, J-C. De quelques aspects de la théorie d'Antoine Culioli projetés dans un espace non-énonciatif. In: *La théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*. Paris: Editions OPHRYS, 1992.

REZENDE, L. M. Contribuições da teoria das operações predicativas e enunciativas para o ensino de línguas. In: JORENTE, J.; REZENDE, L. M.; ONOFRE, M. B. (Org.). *Versão Beta: Jornada de estudos enunciativos*. São Carlos: UFSCar, 2010.

\_\_\_\_\_. *Léxico e gramática: aproximação de problemas lingüísticos com educacionais*. v.1. 2000. Tese (Livre Docência ) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara.